

AMAZÔNIA Desmatamentos em Mato Grosso aumentaram 51,9% de 2001 a 2004

Para ONG, soja provoca devastação

ANA PAULA BONI
DA REDAÇÃO

A grande expansão, desde 2001, do cultivo da soja na região amazônica tornou-se a principal preocupação de organizações ambientalistas com o desmatamento da floresta e do cerrado.

Em estudo realizado com a ONG Amigos da Terra, o ISA (Instituto Socioambiental) sobrevoou e fotografou, em novembro de 2004, 31 pontos de desmatamentos de 2003, no Mato Grosso, verificando que as áreas estavam, em 2004, ocupadas com soja.

Os locais foram escolhidos a partir de uma lista dos 65 maiores desmatamentos de MT, repassada pela Fema (Fundação Estadual do Meio Ambiente) ao Ministério Público estadual. Segundo dados da Fema, cada área escolhida possui cerca de 1.300 hectares. Na década de 90, a taxa de desmatamento da Amazônia foi de quase dois milhões de hectares por ano —quase o tamanho de Sergipe, que é de 2,2 milhões de hectares.

Segundo André Lima, advogado do ISA e um dos autores do estudo, 70% dos locais estão ocupados com agricultura, sendo 55% com soja e 35% com arroz.

Em pesquisa do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), divulgada na semana passada, o cultivo da soja teve explosão de crescimento por área plantada nos anos agrícolas de 2001-2002, 2002-2003 e 2003-2004: no Sul e Sudeste foi de 39,8%; apenas no Centro-Oeste, 66,1%.

Neste período, houve aumento de 51,9% de desmatamentos em MT. Segundo a Fema, em 2000-2001, 1,22 milhão de hectares foram desmatados no Estado (destes, 40 mil eram legais); em 2002-2003, 1,85 milhão (800 mil legais).

O presidente da Fema, Moacir Pires, assessor especial do Meio Ambiente de MT, faz relação entre o aumento de desmatamentos e a expansão da soja, citando que a explosão nos últimos três anos se deu quando a soja estava com alta cotação. “Soja é igual a garimpo. Conforme sobe o preço do ouro, o pessoal vai pro garimpo.”

A pesquisa do Ipea mostra que, após a mudança cambial de 1999, com o alto preço do grão e a defasagem que beneficiou a exportação, a soja teve expansão anual média de 13,8% nos últimos três anos agrícolas. Nos dez anos anteriores a média foi de 3,6%.

Pesquisadores do Ipea, no entanto, não fazem relação entre desmatamento e expansão da soja. O argumento é que, para ter havido uma expansão tão rápida em um prazo curto, “isso nunca poderia ter se baseado em abertura de área virgem”. O mais provável é que tenha se dado na ocupação de pastagens degradadas.

“Após derrubar a vegetação, não se consegue produzir nada. Pode-se levar até dois anos para o cerrado se tornar produtivo. Imagina só com a floresta amazônica”, diz o pesquisador do Ipea Gervásio Castro de Rezende, professor de economia da Uerj (Universidade Estadual do RJ).

André Lima, do ISA, retruca: “Sobrevamos áreas que foram desmatadas em 2003 e, em 2004, já havia soja plantada. Agrônomos, não economistas, sobreviveram e identificaram a mudança”.

O professor Edgar Beauclair, da área de produção vegetal da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), da USP, diz que não é impossível o cultivo de soja em menos de dois anos em área desmatada de floresta. No entanto, é difícil e requer investimento.

Beauclair diz que o trabalho é demorado, pois, quando se desmata, as plantas deixam sementes que germinam novamente.

“Há possibilidade de retorno, sim, em dois anos, mas é difícil conhecer um ambiente novo nesse período”, diz Beauclair.

O pesquisador Paulo Galerani, da Embrapa, acrescenta que o natural é primeiro a ocupação com

pastagem e depois o cultivo de grão, mas diz que há tecnologia para ir do desmatamento ao cultivo de soja em menos de dois anos.

LEIA MAIS na pág. A17

ENTENDA O CASO

O que institutos dizem sobre a relação dos desmatamentos com o avanço da soja

ISA (Instituto Socioambiental)

■ O ISA diz que há relação entre desmatamentos e a expansão da soja em MT. A partir de estudo feito em 2004, foi verificado que desmatamentos de 2003 já estavam, em 2004, ocupados com o plantio do grão

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)

■ O Ipea diz que a rápida expansão da soja, desde 2001, se deu na utilização de pastagens degradadas. Pesquisadores dizem que não é possível abrir área virgem de floresta e usá-la com soja em menos de dois anos

EMBRAPA E ESALQ

■ Pesquisadores da Embrapa e da Esalq, da USP, dizem que, mesmo sendo difícil, é possível cultivar soja em menos de dois anos em área de floresta amazônica recém-desmatada

Foto: Instituto Socioambiental



*Os dados de desmatamento de 2004 só serão divulgados em abril deste ano



Região de MT desmatada em 2003, segundo dados do Ministério Público, e identificada em 2004 com plantio de soja pela ONG ISA

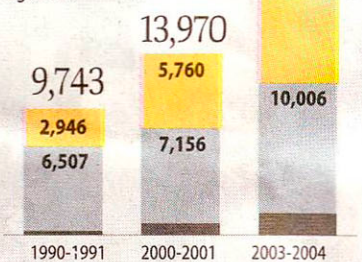
Fontes: Fema (Fundação Estadual do Meio Ambiente de MT), Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), IBGE e Ipea

EXPANSÃO DA SOJA

Área plantada em milhões de hectares

Centro-Oeste Sul/Sudeste Outras regiões

A soja cresceu 39,8% no Sul e Sudeste e 66,1% no Centro-Oeste, nos últimos três anos agrícolas



AMAZÔNIA De acordo com pesquisa do instituto, explosão da soja de 2001 a 2004 se deu na utilização de pastagens degradadas

Verdes querem demonizar a soja, diz Ipea

DA REDAÇÃO

Em pesquisa feita para observar como o setor agrícola reagiu à grande expansão da soja desde 2001, o Ipea sugere que o aumento da área plantada se baseia na conversão de pastagens degradadas, e não na exploração de áreas virgens de floresta ou cerrado.

O pesquisador do Ipea Gervásio Castro de Rezende, professor de economia da Uerj, diz que não é possível estabelecer relação entre a soja e os desmatamentos, pois são necessários pelo menos dois anos para que a agricultura seja viável em área virgem.

Rezende diz que a soja não deve ser vista como inimiga, pois ela seria uma facilitadora da política ambiental. O exemplo citado é a construção de estradas para escoamento da produção, o que facilitaria também a fiscalização de órgãos ambientais. (ANA PAULA BONI)

★

Folha - Que resultado se obteve com a pesquisa?

Gervásio Castro de Rezende - Verificamos que a área total cultivada, que era constante na década de 90, voltou a crescer e que isso foi devido à soja. Eliminamos, po-

rém, a possibilidade de que isso tenha ocorrido em áreas virgens.

Para uma área virgem se tornar viável para a agricultura, é demandado muito tempo. Pode-se levar até dois anos para a terra do cerrado se tornar produtiva. Imagina só com a floresta amazônica.

Um fenômeno como esse, da expansão da soja em tão pouco tempo nunca poderia ter acontecido em áreas virgens.

Folha - Onde teria sido, então?

Rezende - O mais provável é que tenha sido feita a ocupação em áreas de pastagens degradadas, pois ela já está formada há muito tempo. É uma área fácil de se ocu-

par. Analisamos que, além disso, a pecuária se tornou atraente nesse período (2001-2004).

Folha - O sr. não acha que a pecuária tenha estimulado fazendeiros a procurar terras no interior da Amazônia, deixando as outras, na área de transição com o cerrado, para o cultivo de soja?

Rezende - Esse é um argumento vagabundo. A pecuária que está se expandindo na Amazônia oriental [Pará] é uma pecuária que vem se instalando em locais inadequados para a lavoura.

Não tem nada a ver com o período recente e não disputa com a soja. E a soja não deve ser vista co-

mo inimiga. Ela tem características que ajudam a floresta, facilitando a política ambiental.

Folha - Como isso é possível?

Rezende - A BR-163, por exemplo, é uma estrada que só está asfaltada até o norte do MT. A explicação [dos ambientalistas] é que, se asfaltar, vem a soja e acaba com a floresta. É o argumento mais cretino. Mesmo sem o asfaltamento já estão acabando com ela.

Folha - Mas a estrada estando asfaltada a situação não pioraria?

Rezende - Aachamos que isso vai tornar viável a política ambiental. Isso de o pessoal [ambientalistas] dizer que o demônio é a soja sim-

plifica o problema e tira de foco outras questões.

A única coisa que estamos dizendo é que, para ter havido expansão tão rápida em prazo curto, isso nunca poderia ter se baseado em abertura de área virgem. O mais provável é que tenha se dado preponderantemente na ocupação de pastagens degradadas.

É muito fácil esse pessoal ser maniqueísta. Isso é demonização da soja. Esse pessoal costuma reinar absoluto. Tem de botar economista no meio, levar em conta outros argumentos. Temos que entender melhor o que está acontecendo na agricultura brasileira.

Com incentivo, cerrado do PI produz grãos

KAMILA FERNANDES

DA AGÊNCIA FOLHA, EM FORTALEZA

Como um oásis no meio da mi-séria do semi-árido nordestino, a região do cerrado no Piauí desponta como uma das últimas fronteiras agrícolas existentes no país, com crescente produção de soja e de outros grãos, beneficiada por incentivos fiscais e por apoio governamental.

Os incentivos para atrair mais investidores são fartos. Quem decide plantar soja tem 100% de isenção do ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) no Estado governado pelo petista Wellington Dias. Também não paga nada em tributos na hora de exportar, pelo benefício da Lei Kandir. Só há alguma cobrança para quem vende a outros Estados —o que é uma minoria dos produtores.

A principal indústria que compra a soja piauiense, a multinacional Bunge, também se beneficia com isenção de impostos, com uma carência de 12 anos.

“O Estado quase não ganha nada com impostos, mas vale a pena pela geração de empregos e pela atração natural de outros negócios à região, o que impulsiona o crescimento da economia”, disse o secretário de Desenvolvimento Rural do Piauí, Sérgio Vilela.

O governo piauiense comemora a perspectiva de que a produção de grãos em todo o Estado ultrapasse 1 milhão de toneladas neste ano, sendo que a metade deverá sair da região sul, onde fica o cerrado e de onde sai a soja.

A área do cerrado piauiense ainda mal começou a ser explorada: dos cerca de 6 milhões de hectares cultiváveis, apenas 250 mil hectares estão sendo utilizados para o plantio (dos quais 188 mil hectares para a soja).

Apesar de estar localizado numa região rodeada por seca e miséria, o cerrado já não é mais considerado semi-árido, pela vegetação e pelo clima diferenciados. Para a fiscalização ambiental, o Ibama conta com nove pessoas, que de Teresina monitoram a ocupação, por meio de aparelhos de GPS, e tentam manter em cada propriedade 30% de reservas ecológicas intocadas.

Não é só pela vegetação e pelo clima que a região se diferencia do restante do cenário semi-árido do Nordeste. Ao seguir pelas estradas que ligam Teresina ao cerrado, o asfalto está em boas condições, com poucos buracos mesmo nas rodovias federais, intrafegáveis em outros pontos do país.

Além disso, estão sendo construídas estradas estaduais, entre elas uma chamada Grande Cerrado, que vai interligar toda a região sul do Piauí —tudo para facilitar ao máximo o escoamento da produção de grãos.

Com tantos incentivos e espaço para a chegada de novos investimentos, o secretário afirma que o governo do Estado tem sido procurado com frequência por produtores das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país.

Até cinco anos atrás, outra facilidade era o preço da terra. Era possível comprar terrenos pagando R\$ 50 por hectare. Agora, o preço mínimo subiu para R\$ 500 por hectare, podendo chegar a até R\$ 1.500. O preço antigo, quase de graça, era praticado porque havia grileiros. O Estado agora busca mapear toda a área para fazer uma regularização fundiária.